

NOSSOS MESTRES

Um PROFESSOR entre dois MUNDOS

Gersem Baniwa, segundo docente indígena da UnB, esteve presente nas principais lutas dos povos originários por direitos básicos no país



Carlos Vieira/GB/D.A. Press

» MARIANA NIEDERAUER

A Universidade de Brasília (UnB) agora é casa de outra referência na luta pelos direitos dos povos originários. Depois de Altaci Corrêa Rubim, cuja história a coluna contou na última edição do caderno *Trabalho&Formação Profissional*, Gersem José dos Santos Luciano, 57 anos, é o segundo professor indígena da federal. A história dele resume décadas de um processo de resistência que hoje culmina na existência de 100 mil indígenas com ensino superior.

A palavra existência não poderia encontrar um contexto mais adequado. Gersem Baniwa — nome de seu povo — nasceu e foi criado no Sítio Iakirana, na aldeia de Karapotó, que fica no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). A cidade se localiza no médio Rio Içana, uma frente do Rio Negro, que segue seu curso também pela Colômbia e Venezuela e é habitado pelo povo Baniwa de ponta a ponta. Quando Gersem nasceu, a aldeia já havia se transformado em um centro missionário Salesiano católico. “Foi lá que cresci, me criei e estudei as primeiras séries do ensino fundamental numa escola

missionária, dirigida pelas freiras missionárias salesianas.”

Depois de terminar o então 3º ano primário, o professor conta que começou uma odisséia para concluir os estudos básicos. “Primeiro, numa outra terra indígena, com o povo tucano, que é um outro rio, afluente do Rio Negro, para terminar o ensino fundamental”, relata. “E, depois, tive que ir a outro município, Barcelos, depois Manaus, para concluir o ensino médio. Basicamente foi um labirinto para concluir a educação básica.” Em todo o período que estudou fora da aldeia, Gersem ficava em regime de internato, assim como muitos da sua geração.

Irmãs e irmãos — sete ao todo — e a mãe, Marcília (Mati) Lizardo, de 85 anos, ainda moram na região. Duas vezes ao ano, durante as férias, Mapolero (seu nome indígena) segue para a terra natal com a família, para manter a cultura viva. “Eu nasci 100% na tradição da Baniwa. Só para você ter uma ideia do que isso significa, até os meus 12 anos eu não sabia nenhuma palavra na língua portuguesa, só na língua baniwa e na língua nheengatu (variação do tupi-guarani), que são as duas línguas da minha família”, conta o professor, hoje pai de

cinco filhos e avô de três netos. “Meus pais são 100% analfabetos. Não sabem ler nem escrever, e não falam praticamente a língua portuguesa. A minha mãe fala um pouquinho e meu pai morreu sem praticamente aprender.”

“Eu não vou lá para fazer nada do que seja desse mundo daqui. São dois mundos completamente diferentes e não consigo fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Quando eu vou lá, geralmente 30 a 40 dias, mergulho na vida, na tradição, no mato, na caça, na pesca, na roça”, detalha.

Manter essa vivência tradicional tem múltiplos significados na história do professor, mas o principal deles é justamente a sobrevivência. “As formas da colonização foram absolutamente trágicas para os povos indígenas. Por pouco o processo de colonização não nos fez desaparecer, por pouco, literalmente por pouco”, lembra o professor.

Pelo fim de uma tragédia anunciada

Sob esse risco iminente foi que uma geração inteira de indígenas percebeu a necessidade de reverter o que o Gersem classifica de “tragédia histórica”. Uma adolescência marcada pela ameaça e

por um projeto de Estado que contava com o fim dos povos indígenas na virada para o século 21 os fez unir esforços para superar um fim que era dado como certo até mesmo por teóricos e pensadores da época. “Então, veja, eu cresci com isso: não vamos mais existir. Isso me marcou muito. Em algum momento da história eu e a minha geração assumimos esse compromisso de reverter essa história, de mostrar para nós, e não para o mundo, que iríamos, no fim, sobreviver, resistir. Esse é um compromisso, um projeto de reverter essa história trágica.”

A educação foi o caminho natural escolhido por Gersem para começar essa revolução, justamente por ter contribuído de forma decisiva para o projeto de integração, aliada à violência, em guerras declaradas contra os indígenas. “Era fazer com que o índio deixasse de ser índio para se tornar ‘branco’. Isso é integração: o índio esquece sua tradição, deixa de falar sua língua, esquece seus modos de vida, vai adotar a língua do branco, do colonizador, vai adotar o modo de vida do branco, e assim por diante”, explica.

Gersem viveu isso na pele. Lá atrás, na escola missionária salesiana. Os alunos indígenas eram proibidos de